

# O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E SUAS METODOLOGIAS: UMA ANÁLISE DESCRITIVA

*“A escola não alfabetiza, ela dá continuidade a um processo de alfabetização já em pleno desenvolvimento”.*

Paulo Freire

## SUMÁRIO

### 1- INTRODUÇÃO

#### 1.1- ESTABELECENDO OBJETIVOS

### 2- REFERENCIAL TEÓRICO

#### 2.1- O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

### 3-METODOLOGIA

#### 3.1- TIPO DE ESTUDO

#### 3.2- LOCAL

#### 3.3- PARTICIPANTES

#### 3.4- INSTRUMENTO DE PESQUISA

#### 3.5- ANÁLISE DE DADOS

### 4- ANÁLISE DE DADOS

### 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

## BIBLIOGRAFIA

### PAULO FREIRE

**RESUMO** O estudo proposto objetiva analisar o processo de alfabetização e suas metodologias, fazendo uma análise descritiva deste processo. Adotou-se o método de entrevista a partir da prática pedagógica de quatro professoras alfabetizadoras, numa escola da rede particular de ensino do município de Belém, situado no bairro do Reduto. Verificou-se que o processo de alfabetização é orientado de acordo com teorias de aprendizado centrados na criança. A maioria dos professores ouvida na pesquisa revelou o quanto é importante o planejamento de acordo com a realidade da criança, e como é fundamental para a melhoria qualitativa no ensino da alfabetização. Conclui-se que o processo ensino-aprendizagem na alfabetização, ainda ressenete-se de melhores oportunidades de pesquisa visando à adoção de novas técnicas que favorecem o aprendizado em melhores níveis de qualificação à criança.

## 1.-INTRODUÇÃO

O processo de integração da criança se realiza efetivamente através da aquisição da leitura e escrita, visto que o uso da linguagem oferece a ela condições de expressar e internalizar ações e informações, favoráveis ao desenvolvimento humano numa perspectiva harmoniosa. Assim a alfabetização assume destacado papel no processo educativo da criança, influenciado por condicionantes sócio culturais que atuam decisivamente na relação indivíduo-sociedade.

Entender o processo de alfabetização das crianças através da leitura e escrita, condição esta fundamental a integração na vida social, oferece oportunidades de compreensão e respeito do universo da relação que influencia na construção da existência da criança, e é neste momento que o desenvolvimento humano ocorre a partir do entendimento do significado do mundo. Segundo FREIRE (1982), a leitura da palavra precede a leitura do mundo, e nesse contexto revela-se que a criança em nenhum momento deve ser tratada como analfabeta, vazia de conhecimento da realidade que a cerca, contudo cabe aos educadores refletirem em que bases educativas seu desenvolvimento cognitivo pode ser realizado.

Então a alfabetização de crianças sempre assume relevante objeto de estudo, indagações, problematizações, no momento em que as dificuldades contidas no processo de formação de professores voltados a alfabetização, se expressam como obstáculos que merecem ser transpostos na medida que as dificuldades de contextualizar o ensino da alfabetização se propaga na sociedade.

Quando a alfabetização de crianças é pensada, torna-se impossível deixar de lado o mundo infantil, mundo este caracterizado pelo brincar, imaginar, sonhar, e nesta viagem a criança idealiza um mundo construído sob o olhar da inocência, visto que a realidade da vida cotidiana em muitos casos ainda não apreendia claramente por ela. Contudo a Pré-escola, em diversos, momentos, busca domar a criança, modelando-a de acordo com as normas e regras que o sistema legitimou, resultando em algumas ocasiões na perda da formação do ser humano autônomo e emancipado socialmente.

Em geral, os educadores sabem que alfabetizar é uma tarefa difícil e sujeita as influencias de inúmeras variáveis, tais como fatores pedagógicos, psicológicos, sociais, lingüísticos e outros que na se relevam, explicitamente, porém somatizam na totalidade do processo tornando-se favorável seu estudo numa perspectiva científica, visando oferecer aos educadores, condições de intervir positivamente na elaboração de propostas conciliatórias que atendam a necessidade das crianças no estágio de alfabetização. Também quando é pensada no processo de alfabetização da criança, a discussão dos condicionantes sócio-culturais influenciadores no processo de aprendizagem se revelam, especialmente no momento que o processo de integração à sociedade se realiza, oferecendo nesse caso particular, a presença no meio social em educação.

Então, é a partir da superação da crença de que alfabetizar é meramente codificar e decodificar e da tomada de consciência a respeito do que significa realmente alfabetizar, que deseja-se avançar para uma concepção maior sobre os processos de alfabetização, que consideram os professores como mediadores e os alunos como sujeitos dessa construção. Partindo-se de situações concretas reveladas, de acordo com o contexto sócio-cultural em que a criança se insere, o estudo proposto pode oferecer oportunidade de conhecimento no processo ensino-aprendizagem da alfabetização, oferecendo oportunidade de compreender de modo pleno o universo de aquisição do conhecimento no mundo infantil. É, a partir desse olhar que optamos em estudar o processo de alfabetização e suas metodologias. Sabendo-se que o processo de alfabetização e as metodologias usadas nesse processo são essenciais para a aquisição de conhecimentos e para enriquecimento da capacidade de comunicação, e que muitos não conseguem usufruir deste aspecto importante. Nos propusemos a pesquisar sobre este assunto, a fim de atender às exigências acadêmicas solicitadas, e principalmente adquirir conhecimentos e lançar subsídios através das experiências coletadas neste trabalho, contribuindo tanto a profissionais da área quanto a quaisquer leitores que se interessem pelo temário aqui tratado, colegas em processo de formação pedagógica e áreas afins.

Saber ler e escrever é condição básica para a aquisição de conhecimentos e para enriquecimento da capacidade de comunicação.

A alfabetização constituiu-se de um processo que envolve uma grande complexidade, daí a necessidade de considerar vários aspectos implícitos e suas relações, que podem influenciar certas condições para a realização da aprendizagem, ou contribuir para a ocorrência de muitos problemas.

Um dos primeiros aspectos que tem grande influencia é o lingüístico, destacando sua importância dentro do processo de alfabetização e em seguida a metodologia utilizada.

Pois, não são raros os estudos que comprovam que o processo de desenvolvimento infantil depende individualmente de cada criança, ou seja, de suas experiências e das construções cognitivas que realiza no ambiente em que interage, e o educador nada mais é do que um mediador em todo esse processo, já que estimula o educando através de métodos que se adequem ao seu meio e o auxilie a ser o agente de sua própria aprendizagem. São poucas as escolas que têm priorizado a leitura, no sentido amplo, ou seja, possibilitar que a criança tenha conhecimento não só das letras, mas principalmente, do significado, já que somente desta forma terá capacidade de compreender, interpretar e transpor, oralmente, ou de forma escrita, seu entendimento e seu sentimento.

É neste sentido que se pretende desenvolver o enfoque , buscando desvelar o processo de alfabetização e as metodologias utilizadas nesse processo. Sendo assim, de acordo com o exposto, pretendemos com este estudo buscar respostas para as seguintes questões:

- Como se desenvolveu historicamente o processo de alfabetização?
- Em que bases psicopedagógicas se apóiam os processos de alfabetização?
- Como as professoras alfabetizadoras, vem construindo as suas práticas pedagógicas, e que métodos utilizam?
- Que dificuldades podem ser observadas nos alunos no decorrer do processo de alfabetização?
- Como as professoras intervêm didaticamente, tendo em vista as possíveis dificuldades dos alunos?

## **1.1-ESTABELECENDO OBJETIVOS**

### **1.1.1-Geral**

- Analisar o processo de alfabetização e suas metodologias.

### **1.1.2-Específicos**

- Identificar as principais marcas pedagógicas da história da alfabetização.
- Identificar os princípios psicopedagógicos que norteiam o processo de alfabetização.
- Conhecer a prática e métodos de professoras alfabetizadoras.
- Identificar as principais dificuldades sentidas pelo aluno no decorrer de seu processo de alfabetização
- Identificar as intervenções didáticas das professoras alfabetizadoras frente as dificuldades sentidas pelos alunos.

## 2.- REFERENCIAL TEÓRICO

Para melhor compreender a pedagogia da leitura é importante reconhecermos a sua perspectiva histórica.

A história da alfabetização resultou da necessidade de tornar mais eficiente interessante a aprendizagem da leitura. Pode ser dividida em três principais períodos: o primeiro incluindo a Antiguidade e a Idade Média é delimitado pelo uso exclusivo do método da soletração; o segundo, que se inicia com as reações contra o método da soletração entre os séculos XVI e XVII, estende-se até a década de sessenta do nosso século e é marcado pela criação de outros métodos de orientação sintética e dos de orientação analítica, assim como pela disputa entre eles; o terceiro, o atual, é caracterizado pelo questionamento a passagem pela oralização, Isto é, pela necessidade de associar os sinais da língua escrita aos sons da língua falada para aprender a ler.

A escrita é um invenção de autoria desconhecida . O que se sabe é que surgiu, pela primeira vez, no Mundo Antigo, em um momento histórico que ficou caracterizado pelo desenvolvimento simultâneo de uma série de elementos diversos, a que chamamos de civilização. O homem vem através dos tempos buscando comunicar-se com gestos expressões e com fala.

Precisamos compreender como numa perspectiva histórica, leitura e escrita foram evoluindo e transformando seus usuários e seu mundo. Reportar a essas transformações através dos tempos, significa o esforço de tentar compreender a questão da leitura e escrita como instrumentos cognitivos, que operam mudanças nas formas de pensamento humano e alteram substancialmente as formas de conhecimento na humanidade.

No princípio, a escrita manifestou-se por meio da pintura, priori, como um impulso estético. Posteriormente, os desenhos passaram a expressar a alma humana, ou seja, eles transmitiam sentimentos e pensamentos, comunicam fatos e idéias. Deixou de ser, então, simplesmente um ato artístico, passando a ser utilizado como símbolo que possibilitavam identificar pessoas e objetos. Estes desenhos serviam como forma de descrição e não tinham nenhuma ligação direta com algum idioma ou fala.

A leitura pressupõe a escritura e esta por sua vez constitui uma das invenções que mais profundamente modificou a vida e a mente humana. A escrita possibilitou novos modos de ver e mostrar a realidade. A partir dela, foram surgindo novas formas de expressão, novos modos de pensamento, enfim ela possibilitou novas estratégias cognitivas. Como um instrumento cultural, criado pelo homem, ela foi responsável por transformações que se operaram neste homem e, conseqüentemente, no seu mundo. Vygotsky (1991), como um autor sócio-histórico, explica essa interação do homem com o seu ambiente a partir do uso de instrumentos, do uso de signos. Os sistemas de signos como a linguagem, a escrita, o sistema de números, são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural.

Com a introdução da fenomatização, os signos foram normatizados para que todos desenhassem da mesma forma, estabelecendo correspondências e sentimentos. Houve, portanto, uma alteração significativa nas convenções do sistema representativo. A formalização da escrita exigiu não só estabelecimento de regras, como também a aprendizagem efetiva das formas e princípios da escrita.

A tentativa humana nos seus primórdios foi reproduzir um sistema gráfico que espelhasse a fala. Com base nesse aspecto específico dos sistemas alfabéticos originaram-se todas as metodologias de alfabetização.

Os gregos tomaram emprestado para si o silabário fenício, como sendo a base de sua escrita. Os fenícios colocavam a vogal depois da consoante, tornando-se desta forma, norma entre os gregos, passando então da escrita silábica para a escrita alfabética. A descoberta do alfabeto ocorreu por volta do século X a.C. Embora, os sistemas orientais de escrita tivessem tido o mesmo tipo de desenvolvimento do que evolui para o alfabeto grego, apenas esse segundo sistema chegou ao alfabeto.

Há no mundo inúmeras variedades de alfabetos, com diferenças formais externas, porém ainda seguem os mesmos princípios estabelecidos pela escrita grega, de acordo com OHMAN (1969), na verdade, a invenção da

escrita alfabética é uma “descoberta”, pois, quando o homem começou a usar um símbolo para cada som, ele apenas operou conscientemente com o seu conhecimento de organização fonológica de sua língua. A primeira intenção foi talvez a de fazer-se um alfabeto de natureza fonética, impedindo, porém, pois as mudanças das línguas, as diferenças dialéticas e as variações estilísticas que afetaram a pronúncia, impediram que a escrita alfabética tornasse-se essencialmente de natureza fonética. O que se cogita na verdade, seria uma relação essencialmente fonêmica, isto é, a escrita procura representar aquilo que é funcionalmente significativo.

Interpretar-se, porém essa relação de outra forma. O fonema é um conjunto de uma cultura de linguagem escrita, que, se deixa afetar pela linguagem escrita em sua concepção de linguagem oral, desta forma, nesta concepção fonemônica o alfabeto se faz essencialmente.

Então o que é o alfabeto? Acredita-se que ele foi inventado, mas, como é o caso de todas as invenções, o alfabeto não surgiu do nada. Criou-se o alfabeto, a partir, da adaptação de um sistema pré-alfabético às novas necessidades. Essa invenção do alfabeto acarretou, de imediato, a descoberta daquilo o que acreditava-se que ele representava, o fonema.

No decorrer do segundo milênio a.C., um número importante de sistemas de escrita baseados nos componentes silábicos do sistema egípcio, nasceu na península do Sinai. Os cananeus ou fenícios, parecem ter sido os primeiros a possuir um deles. No início do século XII a.C., eles dispunham de 22 signos que representavam sílabas com vogal não especificada.

Muitos lexemas gregos só poderiam ser distinguidos pelas vogais. Além disso as palavras que começavam por uma vogal eram numerosas, e os escribas provavelmente sentiam a falta de signos para esses sons, entre tanto, antes da adoção da escrita fenícia, os gregos já possuíam uma escrita silábica em que as vogais isoladas eram representadas. Os signos correspondentes, que representavam sílabas com vogal não especificada, foram então utilizados pelos signos para representar as vogais.

Segundo a lenda, um grego, o rei Cadmo, fundador de Tebas, semeou dentes de dragão e fez nascer homens armados. Exilados em Ugarit, Canaã, ele a teria abandonado antes de uma destruição pelos “povos do mar”, originário essencialmente da Ásia Menor (provavelmente no Séc XIII a.C., o que deixa um intervalo obscuro de quatro séculos antes das primeiras manifestações inegáveis do alfabeto grego), retorna a pátria e introduz o alfabeto fenício na Grécia.

Com a criação do alfabeto, surge o primeiro método de ensino de leitura, o método de soletração, também conhecido pelo nome de alfabético ou ABC, visto iniciar-se pelo ensino de letras.

Segundo MARROU (1969), o ensino da leitura, na Antigüidade, começava pela aprendizagem das vinte e quatro letras do alfabeto, de cor, não como se faz hoje, dando-lhes o valor fonético ou fonológico (a, bê, cê...), mas dizem seus nomes (alfa, beta, gama...) e sem a visualização de suas formas, primeiro na ordem, depois no sentido contrário. A seguir, apresentavam-se às crianças as letras maiúsculas, dispostas em colunas.

Fontes históricas revelam as dificuldades encontradas na aprendizagem da leitura, particularmente na do alfabeto. Muitas tentativas foram feitas, então, para facilitar a aprendizagem das letras e minimizar essas primeiras dificuldades.

Além da dificuldade no aprendizado do alfabeto, o método usado na antiguidade tornava a aprendizagem de leitura árdua e custosa, particularmente pela soletração, que empregava o nome e não o som das letras.

A mesma progressão (alfabeto, sílabas, palavras e textos) encontra-se na Idade Média.

Segundo ALEXANDRE – BIDON (1989), para fazer um levantamento dos dados concernentes à alfabetização na Idade Média, é necessário recorrer a fontes escritas e arqueológicas, bem como a fonte iconográfica (imagens medievais), a mais rica em informações. Entretanto, essas imagens devem ser analisadas na perspectiva das mensagens, porque o seu valor está nas micrografias (textos miniaturas) nelas inseridas. São

elas que nos fornecem os indícios das primeiras leituras destinadas as crianças. Havia também, conforme relata ALEXANDRE – BIDON (1989), abecedários com letras de couro e os escritos em material flexível, como couro e tecido, todos destinados a aprendizagem das letras.

As tabuletas com alfabetos, forma provavelmente, os principais objetos usados para a aprendizagem da leitura da Idade média. Muito numerosas são as menções e as representações dessas tabuletas abecedárias de madeira nas fontes históricas. Nenhuma subsiste até hoje, embora haja imitações muito perfeitas.

Essas tabuletas eram freqüentemente carregadas pelas crianças, como um jogo, penduradas por uma corda ou couro pelo braço, à cintura ou ao pescoço. Assim, o porte constante deste objeto contribuía para uma impregnação lenta, sem violência, das letras do alfabeto nas mentes das crianças muito pequenas.

Pode-se inferir ainda, pelos diversos inícios encontrados, a hipótese que a mão da criança tenha sido o mais simples objeto abecedário da Idade Média. Como a mão era usada para aprender a cantar as notas musicais e para contar os dias da semana, supõe-se ter sido usada também para ensinar as sete primeiras letras do alfabeto.

Finalmente, ALEXANDRE – BIDON (1989), afirma que no final do século XII ou início do século XIII, as figuras tem uma função explicativa nas obras pedagógicas e, no século XV, há o nascimento dos abecedários figurados tal como o alfabeto figurado de Marguerite de Bourgone, que conjugava as semelhanças visuais, as aliterações, as iniciais comuns e a homófona.

Desta forma, a autora considera a história da alfabetização da Idade Média fazendo considerações sobre a lentidão com que se efetuava a aprendizagem do alfabeto, a complexidade do grafismo da escrita gótica e a obrigação de aprender a ler em latim como os principais obstáculos que os leitores iniciantes encontravam.

Finalmente pode-se considerar, que na antiguidade e na Idade Média houve muita dificuldade na aprendizagem da leitura, particularmente na do alfabeto. Em razão da aridez do método e, conseqüentemente, do desinteresse dos alunos, os pedagogos tentaram criar procedimentos e materiais para resolver esses problemas. Essas tentativas, contudo, não conseguiram modificar a natureza do método de soletração, o único usado na antiguidade e na Idade Média.

Sejam quais forem os protagonistas desse prodigioso progresso tecnológico, foram realmente os gregos que, adaptando o silabário “categorial” dos fenícios às características de sua língua, inventaram o alfabeto e descobriram a decomposição das sílabas. Foi a partir de então, que pela primeira vez aparece de maneira indiscutível a análise das sílabas em constituintes discretos, alguns dos quais impronunciáveis isoladamente.

O poder do alfabeto para representar a língua, seja qual for a complexidade de suas estruturas fonológicas, é enorme.

Os gregos tendo especificado as vogais intra-silábicas na escrita, puderam captar integralmente a diferença de natureza entre as consoantes e as vogais. Parece, aliás, que eles ensinavam separadamente nas escolas.

O sistema da escrita mais eficaz é provavelmente aquele que representa explicitamente o máximo de estruturas fonológicas da linguagem falada que, por seu tratamento durante o reconhecimento das palavras escritas, contribui mais para esta. É legítimo então supor que um sistema de escrita que representa os fonemas e, ao mesmo tempo, introduz marcas de segmentação as línguas que diferem entre si pelos princípios de sua escrita distinguem-se também por muitas outras características. Por outro lado, é interessante constatar que um sistema alfabético no qual as sílabas não explicitamente marcadas foram criadas de maneira claramente intencional.

Deste modo, ao mesmo tempo em que se torna explícito certo aspecto da fala, um sistema de escrita deixa outros na sombra. A ficção literária é um dos meios pelos quais a subdeterminação da significação e da intensidade, inerente ao sistema alfabético, evita a monotonia da unicidade. Tomar consciência dos fonemas é apenas a descoberta inicial que fazemos a o aprender alfabético.

A criação do método fônico, com base no som das letras, não mais no nome, foi um grande avanço na pedagogia da leitura, por ter suprimido a soletração, economizando esforços da criança e do professor.

Entretanto, o exagero na pronúncia dos sons das consoantes isoladamente, resultou na geração de outros sons às consoantes. Isso possibilitou a inclusão desses sons na leitura das palavras, conseqüentemente, sua compreensão. Esse exagero levou o método ao ridículo.

Outra dificuldade desse método é a não – correspondência da língua escrita com os sons da língua oral que representam.

Procurando solucionar esses problemas surgiu o método silábico, derivado do fônico, com base nas sílabas que se combinam para formar palavras.

Todavia, é muito comum confundir o método silábico com fônico. A fim de eliminar essa confusão, é necessário atentarmos a principal característica do silábico - iniciação pelas sílabas prontas, sem forçar a articulação das consoantes com vogais, como acontece no método fônico.

No método silábico, aprende-se o nome e a forma de uma consoante, após a aprendizagem das vogais.

Já o método global surgiu na história da pedagogia da leitura em 1655, com Comenius, esse método apresenta a palavra associada a representação gráfica de seu significado, para que possa ser aprendida como um todo, sem a tortura da soletração enfatizando a importância do interesse da compreensão para a aprendizagem da leitura. Assim, Nicolas Adam apresenta, já no século XVIII, a idéia de ensinar a criança a ler do mesmo modo como aprende a falar. Insiste, ainda em permanecer o maior tempo possível na fase global até a manifestação analítica do trabalho mental pela criança, isto é, até que a própria criança adquira maturidade para iniciar, por si mesma, a fase analítica. A criação do método global, não se trata de um aperfeiçoamento dos métodos anteriores, mas de uma ruptura, pois, até então, o trabalho mental realizado pelo aprendiz era de natureza sintético – analítica, passando a ser de natureza oposta, analítico – sintético. Apesar disso, pode-se perceber uma ligação, uma continuidade na história, quando se analisa a base de cada método.

Entretanto foi o médico e professor Ovídio Decroly, o grande teórico e prático do método global.

Contudo, o método global puro não foi posto em prática, exceto em casos excepcionais.

Desta forma, a grande maioria dos manuais de leitura apresentavam um método “misto”, baseado principalmente na silabação, visto que se encontrava, freqüentemente, neles ainda no primeiro dia de aula, a análise da palavra, seguida de exercícios de silabação. Apesar de poucas referências sobre o método misto, é necessário ressaltar ainda o grande desenvolvimento que obteve no século XX. Caracteriza-se por uma fase inicial, global, com uma passagem rápida e forçada à análise/síntese, cujo princípio básico é o trabalho simultâneo.

Finalmente pode-se considerar que o segundo período da história da aprendizagem da leitura foi caracterizado pela criação de outro método de orientação sintética (fônico e silábico) e de orientação analítica (o global, em suas diversas modalidades). E oscilando entre a análise e a síntese, aparecem ainda os métodos mistos, motivados, provavelmente, pelo desejo de colocar um fim na questão dos métodos analíticos e sintéticos.

Deste modo, é conveniente dizer que foi este o período dos métodos por excelência, caracterizado pela disputa entre si, pois durante mais de um século, os defensores dos métodos analíticos mantiveram-se em conflito com os adeptos dos métodos sintéticos. Embora a escrita alfabética tenha sido concebida para representar a fala, ela não chega a ser fonética.

O uso da escrita desenvolveu-se ao longo da história, e hoje as sociedades letradas distribuem atividades lingüísticas entre as modalidades escritas e oral muda com a evolução histórica, e a mesma variação encontrada nessa evolução pode ser vista sincronicamente nas sociedades altamente letradas e possivelmente nas nações

em vias de letramento, sendo que, nesses casos, a distribuição é determinada pelas diferenças sociais funcionais e pela variação individual.

## **2.1-O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Considerando o autor em relação ao processo de alfabetização inicial do desenvolvimento da aprendizagem da criança ou do adulto é relevante no momento em que os métodos utilizados são discutidos os quais permitem conhecer as relações que se processam entre sujeito e objeto. A partir das representações que a escrita assume no conhecimento da realidade é possível no indivíduo conhecer o mundo expresso através dos objetos.

Segundo FERREIRO (1995) a necessidade de representação mediante símbolos e expressa pela escrita em que o código auxilia os seres humanos no processo de comunicação, instalado na sociedade letrada. Através da escrita, é possível o indivíduo expressar o pensamento e historicamente esta invenção assume relevante papel no processo de escolarização do ser humano.

As dificuldades apresentadas no processo de alfabetização devem ser consideradas especialmente quando crianças passam a reinventar os sistemas de construção de símbolos, e nesse caso as relações entre o real e a sua representação são importantes na aquisição do saber. A escrita tipo alfabético assume destacado contexto no processo de socialização do ser humano, e nesse sistema de representações a ação alfabetizadora que é exigida no processo de alfabetização é importante ser considerado.

De acordo com a natureza que se revela quanto ao uso das palavras na representação dos objetos, os significados assumidos, no processo de alfabetização permite ao indivíduo representar a realidade e as conseqüências do modo de apropriação dos valores sócio – culturais assumem destaque especial na elaboração do quadro real em que se estabelece a relação homem e mundo na compreensão da realidade.

Segundo FERREIRO (1995), a alfabetização de criança é realizada sistematicamente levando-se em consideração os métodos de ensino aos quais ela se submete na pré-escola ou no contexto social em que vive. O saber que a criança adquire é proveniente dos condicionantes que se revelam no sistema de escrita, e nessa perspectiva sua compreensão se efetiva de acordo com as informações recebidas.

Observa-se nos aspectos construtivos da escrita, que as representações são expressas de acordo com as vivências que o indivíduo estabelece com o meio social em que vive, especialmente no caso das crianças, elas representam através do desenho, rabisco, situações reveladas no cotidiano. Assim, cada traço que ela faz é possível aproximar-se do real, e nesse contexto é assegurada a alfabetização a partir da compreensão do mundo que os sujeitos constroem.

De acordo com as considerações de Ferreiro (1995) a alfabetização visto numa perspectiva de adoção de conhecimentos ao indivíduo é uma atividade intencional que se revela a partir da prática pedagógica isenta de neutralidade. São os métodos e técnicas empregadas no ato de alfabetizar que contribuem significativamente para auxiliar o sujeito a compreender as representações que lhe são apresentadas no cotidiano.

Deve-se destacar que a importância que o processo educativo realizado através da alfabetização assume na vida dos sujeitos, historicamente vivendo em situações conflituosas em que a leitura de mundo direciona seu pensar e agir socialmente. Supõe-se que os significados apresentados nas leituras contribuem para a reflexão de adulto nas condições materiais que vivem, proporcionando a oportunidade de realizações concretas de suas idéias anteriormente formuladas no cognitivo

Pensa-se que as metodologias favoráveis à implementação da alfabetização de crianças precisam ser investigadas no sentido de adequá-las ao momento vivenciando por esses sujeitos, oportunizando o alcance de níveis qualitativos de aprendizado. Sabe-se que a condição do adulto, sua maturação e a interação ao meio social já estão consolidadas e nesse caso o processo ensino aprendizagem merece ser tratado de forma diferenciada da criança.

Segundo FERREIRO (1995), a criança vê mais letras por fora do que por dentro da escola, e no caso do adulto este é capaz de interagir em diferentes mundos nas atividades cotidianas que realiza, de modo que é preciso a escola interar-se do contexto sócio-cultural a fim de oferecer-lhe um processo alfabetizador em níveis qualitativos, pois o professor não é mais único que sabe ler e escrever na sala de aula, visto que todos trazem sua leitura de mundo que possibilita compreender a realidade segundo o modelo que lhe é apresentado.

Nas concepções apresentadas Por FERREIRO (1995) as populações carentes ao descreverem sua leitura de mundo o fazem segundo a vivência do cotidiano, expressa na aparência das coisas dos fatos que lhe são apresentados, e a ausência de reflexões profundas a respeito do quadro social e político reserva-lhes a condição de serem dominados e assim a escola oferecida ao adulto devem romper com as condições alienantes que se representam no meio social visando a sua emancipação como sujeitos construtores de sua própria história.

Pensar no desenvolvimento da leitura e escrita na alfabetização de crianças é buscar meios de rupturas com métodos e técnicas que reproduzem a ideologia dominante, uma vez que esses sujeitos tem consciência de sua condição de dominados a partir do momento que não conseguem expressar seu pensar de modo escrito, ou por conseguir decifrar códigos lingüísticos representados pelas letras.

O contexto sócio cultural vivenciado pelos sujeitos se apresentam como fatores determinantes no processo de aquisição da leitura e escrita nessa perspectiva a alfabetização como meio de aprendizagem não pode ser efetivada ausente desses olhares, ma vez que o homem interage com o meio social e dependendo dessa relação sua vivência é construída, de modo que a relevância da relação dialética entre homem e natureza é considerável. Segundo as reflexões expostas por CAGLIARI (1993) a escrita é algo que o ser humano se envolve desde cedo em sua vida, e de acordo com o contexto sócio – cultural que homem vive o aprendizado da escrita se efetiva segundo determinados padrões, assim, a sociedade letrada que vivemos exige o domínio da escrita e alguma atividades no cotidiano ela é necessária, sendo que a escola é o local onde é mais exposto sua presença.

Historicamente, o sistema alfabético sofre mudanças de acordo com o uso por uma quantidade elevada de pessoas numa determinada região geográfica, e nesse contexto pensa-se que a escrita evolui segundo os padrões sociais exigidos, de modo que os métodos de alfabetização ensinam a escrever de modo cursivo, onde a criança e o adulto devem ser educados para esta prática.

A padronização da escrita na sociedade em alguns casos tem dificultado o processo de aprendizagem de alunos na escola, visto que nos procedimentos metodológicos da alfabetização de adultos, deve-se considerar que esses sujeitos não vivenciaram a pré-escola, logo apresentam seus aspectos psicomotores diferentes e a dificuldade de escrita segundo o padrão cursivo às vezes é penosa.

De mesmo modo a escrita presente nos grupos sociais diferenciados da sociedade devem ser objetos de reflexão no momento que se concentram em meras atividades rotineiras. A participação do aluno no processo de construção da palavra, mediante a escrita é fundamental para manter o interesse no aprendizado, e nesse caso a escola que se objetiva alfabetizar o adulto deve fazer as necessárias adequações e seus métodos.

Outro fator que CAGLIARI (1993) aponta para a efetivação do processo de aquisição da escrita é a motivação que o professor deve ter para com o aluno, e no momento que esta se manifesta entre ambos é possível à aquisição do conhecimento, pois as pessoas são motivadas a escrever aquilo que lêem, desde que o tema em questão seja revelador e desafiador a ela.

É importante analisar que a leitura por se constituir como uma interpretação da escrita apresenta relevância social na vida dos sujeitos e alguns a desejam para compreender o mundo, estar informado das condições que se expressam na sociedade, e assim é importante no processo educativo da alfabetização de crianças conhecer os condicionantes e os aspectos motivacionais que se entrecruzam na vida dos sujeitos a aquisição da leitura. Sem dúvida, no cotidiano das relações de dominação e submissão, é comuns as pessoas que não possuem o domínio da leitura e da escrita se excluírem nos momento decisivos ou quando lhe é solicitado uma opinião sobre determinado assunto ou problema, pensa-se que a leitura e a escrita passam a ser considerados os instrumentos que os homens utilizam para viverem em sociedade.

CAGLIAR (1993) aponta para o caráter sistematizado realizado pela escola para ensinar a leitura e a escrita a criança através de formas herméticas que em muitos casos inibem o poder criativo e resultam no aprendizado segundo o modelo dominante exigido. Assim, a presença das famílias de letras são apresentadas como alternativas favoráveis ao aprendizado, e segundo este autor essa deficiência do nosso sistema de escrita, no entanto, não cria grandes problemas, desde que falantes nativos da língua é possível supera as barreiras apresentadas.

Então é importante considerar que os sistemas de escrita, em geral, admitem variantes para as formas dos símbolos e das letras e a facilidade dos caracteres da leitura é possível ao aluno compreender de modo claro o significado que é expresso em cada símbolo. Também deve se considerar, na alfabetização da criança, que as mais recentes conquistas tecnológicas e os novos hábitos da vida moderna, rompe significativamente com o ato de alfabetizar de forma tradicional.

Sem dúvida, o ato de alfabetizar assumiu relevante espaço com a presença da tecnologia da comunicação e da informação que se expressa no cotidiano das relações homem – meio social, e nessa perspectiva é que deve ser pensada a alfabetização da criança assumindo-se na concepção dialética em conformidade com momento histórico em que esses sujeitos se encontram.

A realidade social dos sujeitos deve ser refletida no sentido de discutir o processo de escolarização através da educação infantil, em que os valores apresentados da criança devem ser analisados cuidadosamente pela escola. Especialmente os níveis sócio – econômicos revelam importantes olhares no sentido de obstaculizar o desenvolvimento infantil, segundo as necessidades que se destacam em classes populares onde a renda mensal compromete a elaboração de programas educativos infantis.

De acordo com as considerações de NICOLAU (1995) o educador ligado a educação infantil precisa desenvolver o olhar no processo no sentido de entender as variantes que impedem a realização do desenvolvimento da leitura e escrita, pois em diversos momentos, estes se revelam como essenciais objetos de investigação que demarcam a necessidade de novas ações pedagógicas, diante do quadro estabelecido na sociedade.

Os processos de alfabetização de crianças, em alguns momentos, estão isentos de análise do contexto social em virtude dessa fragilização o êxito passa a ser comprometido, resultando em muitas crianças deixarem a pré-escola com sentimento de que foram derrotadas em não conseguirem aprender. A visão expressa por NICOLAU (1995) aponta para medidas a serem desenvolvidas pelo sistema educacional, oferecendo-se condições de realizar o processo educativo de acordo com os valores que se estabelecem na sociedade, em que as contradições se apresentam como medidas conciliatórias para promover a Educação Infantil.

Com relação a aprendizagem da escrita podemos dizer que as tarefas que o estudo dos problemas referentes a alfabetização propõe a didática, encontra-se, ao lado da necessidade de promover as condições necessárias para a aprendizagem, a necessidade de certas medidas no tocante aos procedimentos relativos a iniciação da escrita. A falta dos devidos cuidados com referencia a estes procedimentos explica grande parte do fracasso escolar. Nos procedimentos didáticos é possível distinguir variáveis que diretamente influenciam a relação professor-aluno-objeto de estudo, como outras variáveis que indiretamente afetam o processo de ensinar e aprender.

A questão dos procedimentos utilizados para alfabetizar, embora possa parecer susceptível de ser equacionada em termos das diferenças entre métodos analíticos e sintéticos, não se esgota com a diferença entre ambos. Contudo, a aquisição da linguagem escrita pressupõem o domínio do conjunto de atividades inerentes a leitura e escrita e de suas inter-relações, isto é, neste caso o objeto.

Para que o processo de aprendizagem da leitura e escrita alcance seu verdadeiro objetivo, é de fundamental importância que o professor tenha consciência da necessidade de valorizar a linguagem infantil, pois ela fornece instrumentos eficazes para um trabalho sistemático. O que percebemos, na realidade, é que a maioria dos manuais de alfabetização desconhecem o papel da lingüística e este é um dos grandes fatores que contribuem para o alto índice de reprovações.

Em síntese, há sala de aula, por um lado, práticas de leitura e escrita consideradas relevantes pelo professor, que possuem como característica principal a produção de um sentido escolar para os atos de ler e escrever. Livros de história, jornais, livros didáticos são todos trabalhados como “instrumentos” para ensinar a ler e a escrever, desconsiderando-se o caráter interativo da leitura e da escrita, sua ligação com a vida e a história pessoal de cada leitor-escritor. De outro lado, nesse mesmo espaço da sala de aula, encontram-se práticas de leitura e escrita que não são incentivadas pelo professor (e muitas vezes nem sequer legitimadas), mas que efetivamente acontecem entre as crianças. A leitura de imagens, os comentários que tecem entre si a respeito dos textos lidos, o esforço que fazem para superar suas limitações, demonstra o esforço das crianças para resgatarem o caráter dinâmico e intersubjetivo da leitura e da escrita.

Pensa-se que o processo de alfabetização da criança, segundo a perspectiva apresentada por NICOLAU (1995) deve ser construído de acordo com as vivências estabelecidas no cotidiano da relação sócio – cultural em que ela vive, pois esse olhar é influenciador no processo de ensino e aprendizagem.

### **3.- METODOLOGIA**

#### **3.1- TIPO DE ESTUDO**

A pesquisa desenvolvida requer a abordagem qualitativa, pois oferece oportunidade de analisar, descrever e compreender o objeto problematizado no sentido de conhecer suas características visando obter informações significativas que podem auxiliar o processo de alfabetização.

#### **3.2- LOCAL**

O contexto em que se desenvolve a pesquisa é numa escola particular de ensino do município de Belém, atendendo a educação infantil e ensino fundamenta até a 4ª série.

#### **3.3- PARTICIPANTES**

Define-se como sujeitos da pesquisa quatro professores alfabetizadores, que labutam diretamente no processo ensino-aprendizagem.

#### **3.4- INSTRUMENTO DE PESQUISA**

Define-se como instrumento de pesquisa, o uso de entrevista, esperando-se obtenção de dados informações que permitem a produção do conhecimento científico.

#### **3.5- ANÁLISE DE DADOS.**

Após os dados serem coletados, estes serão analisados visando estabelecer o quadro compreensivo do problema em exposição. Nesse estágio de pesquisa os subsídios bibliográficos são relevantes ser considerados.

#### 4.- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.

Os professores forma denominados através de Códigos em **P1, P2, P3 e P4**, e através da entrevista realizada observa-se alguns aspectos relevantes na produção do conhecimento proposto, pois a partir dessas problematizações é possível chegar a realidade que o processo de alfabetização revela. Ressaltam-se aqui as perguntas mais relevantes para a pesquisa:

##### 1- Como é feito o processo de alfabetização da criança na escola, que proposta é seguida?

Código Respostas

**P1** Usamos o método que a escola definiu, em que a criança aprende através de inúmeras atividades. Na verdade não temos uma proposta definida, porém objetivamos trabalhar uma metodologia que contemple o pleno desenvolvimento do educando para eu o mesmo ingresse em uma sociedade preconceituosa e competitiva como cidadão crítico e consciente de seus direitos e deveres.

**P2** É de acordo com o programa que a escola determina, a proposta é de desenvolver as aptidões básicas para a leitura e a escrita.

**P3** É feito através de jogos brincadeiras, enfim, atividades que facilitam o aprendizado. Não existe uma proposta concreta de alfabetização, ela toma por base o sócio-construtivismo.

**P4** Trabalhamos com várias atividades. A proposta que a escola oferece é fazer o processo de alfabetização através da sua realidade, articulada ao material didático que a escola possui.

Observa-se que a escola apresenta um modelo em que a criança deve se enquadrar no processo alfabetizador. Nesse caso ela homogeneiza o processo segundo as suas comodidades, e nesse olhar as particularidades da criança são colocadas em segundo plano. No pensamento proposto por CAGLIARI (1993), a escola ao sistematizar o programa de leitura e escrita, através de formas herméticas inibe o potencial criativo da criança, e resulta na adoção de um modelo de aprendizado dominante, impedindo o desenvolvimento e a plena expressão do mundo infantil.

##### 2- Quais as maiores dificuldades observadas por você no processo de alfabetização? Código Respostas

**2P1** Nossa! Diversas, porém a que eu considero mais importante, é o processo de construção de suas hipóteses, alguns não conseguem elaborar suas idéias, acredito que seja dificuldade no aprendizado da leitura.

**2P2** A maior dificuldade encontrada neste processo é ausência dos pais, que ocasionam grande desinteresse nos alunos.

**2P3** A grande dificuldade eu observo é a falta de acompanhamento em casa pelos pais, ou responsáveis, e a falta de recursos pedagógicos que ajudam no processo de construção alfabetizadora.

**2P4** Uma das grandes dificuldades que eu já observei, é a questão da estruturação de sua aprendizagem, eles têm dificuldades em organizar suas idéias. A ausência da família também é uma das dificuldades que eu observo sempre, geralmente, a maioria das crianças que não tem um acompanhamento familiar, apresentam dificuldades, acredito que seja por essa falta de acompanhamento em casa.

Observa-se na tabela que a escola ao buscar uma homogeneização na alfabetização não procura aproximar uma atuação, porém a atuação da família dificulta este processo. Levando em consideração o estágio de desenvolvimento que a criança se encontra. No pensamento proposto por GAGLIARI (1993), a escrita é algo que o ser humano se envolve desde cedo em sua vida e de acordo com o contexto sócio – cultural que o homem vive o aprendizado se efetiva. Contudo observa-se que a escola em diversos momentos ocupa-se em buscar padronizar a escrita ou leitura, o que contribui para dificultar o aprendizado da criança.

### **3- Como você intervém didaticamente, tendo em vista as possíveis dificuldades dos alunos?**

Código Respostas

**3P1** Procuo realizar atividades, sem deixar que ele se iniba, ou fique constrangido pela sua dificuldade, auxilio com recursos e na medida do possível aprimoro a minha metodologia, na exposição dos conteúdos.

**3P2** Procuo dar a máxima atenção à criança que apresenta dificuldade..

**3P3** Procuo sempre fazer e refazer as diversas atividades apresentadas ate que seja assimilado o conteúdo.Procuo sempre acompanha-lo.

**3P4** Minha intervenção acontece assim que percebo a dificuldade, procuro sempre utilizar bastantes recursos para facilitar a aprendizagem e superar a dificuldade apresentada. Dou uma atenção individual.

Observa-se que os professores apontam para os cuidados de atenção individualizada que deve ser oferecido a criança, visto que há necessidade de conhecer as particularidades da criança. NICOLAU (1995), aponta para a necessidade do educador da educação infantil, desenvolver seu olhar no sentido de entender as variantes que impedem o desenvolvimento da leitura e escrita da criança, pois é necessário que elas não deixem a pré-escola com o sentimento de que foram derrotadas.

A análise sócio – cultural na visão de FERREIRO (1995), possibilita ao professor, compreender as dificuldades da criança e assim elaborar propostas pedagógicas que atendam a necessidade educativas de acordo com o período da sua vida, nesse caso a realização do processo ensino-aprendizagem deve ser efetivado de acordo com os valores que a criança apresenta.

### **4- A escola preza pela qualificação e constante atualização do professor?**

Código Respostas

**4P1** É claro que a escola quer profissionais qualificados.No início do ano letivo, temos a semana pedagógica, na qual discutimos, novas metodologias, nosso planejamento, fazemos um balanço de acordo com o ano que passou. Assistimos a vídeos, e rodas de discussão.

**4P2** Acredito que as escolas só queiram profissionais qualificadas.Geralmente antes de começarem as aulas temos uma semana, para trocarmos idéias e experiências com colegas e diretores. Porém durante o ano não ocorrem essas discussões em grupo, na verdade acho que não da nem tempo.

**4P3** No inicio do ano antes do inicio das aulas, a direção promove uma semana pedagógica, afim de observar, e obter sugestões para o ano seguinte.

**4P4** Todas nós aqui na escola procuramos sempre estar atualizadas de acordo com as novidades, enfim, tudo, sinto uma cobrança da escola em relação a isso, e acho importantíssimo.

Observa-se que o modelo pronto e acabado se efetiva, especialmente na ausência de discussões metodológicas que visam promover qualitativamente o ensino e a aprendizagem na educação infantil. FERREIRO (1995) aponta para a necessidade da escola promover o processo alfabetizador em níveis qualitativos, nesse caso, o professor precisa estar constantemente atualizado, pois o sistema alfabético sofre mudanças de acordo com o momento sócio-histórico.

A alfabetização é entendida como um processo em amplas transformações de acordo com os diversos períodos históricos que os sujeitos vivenciam, e nessa perspectiva NICOLAU (1995), revela o quanto ele deve ser dinamizado na pré-escola proporcionando o redimensionamento das ações educativas segundo os novos modelos culturais que se revelam no cotidiano das relações da criança. Assim. Os modelos de alfabetizador mecanicista manifestado em diversos momentos na pré-escola precisam ser superados, no sentido de alcançar-se níveis qualitativos de aprendizagem.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O estudo expresso no processo de alfabetização infantil demonstra algumas necessidades de inovações no sentido de preparação em níveis qualitativos do professor visando atender as necessidades da criança no contexto escolar. Sabe-se que a criança nas suas relações cotidianas entra em contato com uma variedade de informações que permitem ela criar uma leitura de mundo particularizada, e é nesse sentido que a prática pedagógica voltada à educação infantil deve se efetivar, oportunizando o alcance de níveis qualitativos de aprendizagem.

Entende-se que o pensamento de Ferreiro (1995), a respeito da atividade educativa intencionalizada que se expressa na alfabetização da criança deve ser refletida na escola, especialmente no sentido de romper com o caráter mecanicista que ainda perdura em diversas instituições de ensino.

A valorização da interação com o meio social constitui-se em relevante aspecto a ser considerado no processo alfabetizador infantil, especialmente no momento em que as condições sócio-culturais revelam mudanças acentuadas a partir da Segunda metade do século XX, em que a tecnologia da informação e comunicação, colocou maiores e melhores informações a criança, disponibilizando inclusive no seu próprio lar.

Destaca-se que apesar da padronização que em alguns momentos foram assumidos nos processos de alfabetização implementado por algumas escolas, contudo a criança ainda não consegue aprender a ler fazendo uma conexão com a realidade que se apresenta no cotidiano de suas relações sociais. Assim é necessário o educador ao intervir no processo educativo visando a alfabetização da criança conhecer os condicionantes e os aspectos motivacionais que se convergem, tornando-se empecilho para aquisição de leitura qualitativa.

Visto que a leitura e a escrita apresentam relevância social na vida dos sujeitos é importante que a escola direcione suas ações visando atender qualitativamente as necessidades das crianças e nessa perspectiva CAGLIARI (1993), revela que os aspectos motivacionais do professor são necessários para se estabelecer vínculos de apropriação do saber pela criança, nesse caso a motivação do professor no processo deve ser revelador no sentido de levar a criança condições de desenvolver seu potencial, e dependendo das atividades propostas ela pode ampliar seus horizontes de aprendizado. Quando as atividades educativas propostas a criança na escola trazem as marcas vividas por elas no cotidiano de suas relações, maiores dimensões qualitativas se revelam e assim, pensa-se que o professor deve ser um profissional inovador, capaz de articular o mundo infantil nas atividades pedagógicas destinadas a alfabetização da criança.

Compreende-se que no momento que a escola define os métodos e técnicas de ensino voltadas a alfabetização da criança, ela deve ter pleno conhecimento da realidade que esses sujeitos trazem a partir da análise das condições de vida na comunidade em que a escola esta inserida. É comum a escola definir suas estratégias de ensino, segundo orientações expressas nos manuais de ensino que em algum momento orientam e subsidiam o processo educativo, no entanto, estes, não podem ser efetivados na totalidade da escola.

Além disso, é necessário a escola ao promover a alfabetização articular o mundo vivido pela criança, constante de jogos e brincadeiras que estimulam o ato de aprender e para isso há necessidade do professor estar dominado sua prática pedagógica numa dimensão inovadora e possibilitadora da articulação com a realidade da criança. O rompimento com a homogeneização que a escola pratica de maneira ingênua em alguns momentos, deve conduzir a atenção as necessidades particulares de aprendizado que as crianças trazem à escola, visando construir possibilidades de êxito no processo educativo infantil.

Especialmente ao definir suas estratégias de ação, deve oportunizar a reflexão no contexto sócio-cultural revelado na sua vida, pois entende-se que o aprendizado é construído dialeticamente na relação homem-meio, então há necessidade permanente de repensar práticas pedagógicas supostamente descontextualizadas que se mostrem no ambiente escolar.

As relações que a criança estabelece no cotidiano, ela manifesta na leitura e escrita essas dimensões a escola deve trabalhar, visando oferecer o aprendizado em bases qualitativas e dialógicas, permitindo o alcance do êxito da criança nas séries posteriores, de acordo com o processo de desenvolvimento revelado por ela.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ARAÚJO, Maria Carmem de C. Silva. *Perspectiva Histórica da Alfabetização*. Viçosa, MG: UFV, 1995.
- BISCOLLA, Vilma Mello. *Construindo a Alfabetização*. São Paulo: Pioneira, 1991.
- AZENHA, Maria da Graça. *Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro*. São Paulo: Ática, 7ª edição, 1999.
- CLEMENTE, Maria Aparecida. *Alfabetização no século XX*. São Paulo: Papirus, 1995.
- FERREIRO, Emilia. *Os filhos do analfabetismo*. Porto Alegre; Artes médicas, 1992.
- FREIRE, Madalena. *Paixão de aprender*. São Paulo: Cortez, 1992.
- GADOTTI, Moacir. *Escola Cidadã*. São Paulo: Cortez, 1995.
- KATO, Mary. *No Mundo da Escrita*. São Paulo: Ática, 5ª edição, 1995.
- MORTATTI, M<sup>a</sup>. do Rosário Longo. *Os Sentidos da Alfabetização*. São Paulo: UNESP, 1994.
- NICOLAU, Ana Paula. *A alfabetização sob o olhar da criança*. São Paulo: Vozes, 1995.
- PATTO, Maria Helena Sousa. *A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz, reimpressão, 1996.
- TEIXEIRA. Elizabeth. *As Três Metodologias*. Belém: UNAMA, 1999.